

# **ADAPTAÇÕES PROSÓDICAS E SEGMENTAIS DO REGGAE CANTADO NA ZONA RURAL DE SÃO LUÍS - MA**

ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães (1)

ROSTAS,Guilherme Ribeiro (2)

(1) Instituto Federal do Maranhão – Campus: Monte Castelo, Av. Getúlio Vargas, nº 04 - Monte Castelo - São Luís-MA – [mroostas@ifma.edu.br](mailto:mroostas@ifma.edu.br).

(2) Instituto Federal do Maranhão – Campus: Monte Castelo, Av. Getúlio Vargas, nº 04 - Monte Castelo - São Luís-MA – [roostas@ifma.edu.br](mailto:roostas@ifma.edu.br).

## **RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar resultados da pesquisa que estuda a maneira como regueiros maranhenses da zona rural da cidade de São Luís, falantes monolíngües de português brasileiro, variedade rural ludovicense, adaptam fonética e fonologicamente o inglês dos reggaes que cantam nessa língua, com vistas a obter seqüências que façam sentido na sua língua materna. Deste modo, adentra-se a discussão acerca da identidade fonológica do português, analisando a forma como os padrões fonológicos da língua nativa dos sujeitos da pesquisa, interferem em uma língua “estrangeira”, nativizando-a no som, com finalidades de obter sentido também “nativo”. A hipótese testada inicialmente é a de que, enquanto há uma tendência para a manutenção de vogais tônicas e de traços de consoantes em posições tônicas, há uma tendência à substituição/adaptação/supressão/reinterpretação de vogais e consoantes em posições átonas, prevalecendo a percepção de falantes de português, não fluentes em inglês, daquilo que ouvem nas músicas, e existindo uma busca de sentido em uma seqüência sonora aparentemente sem sentido.

**Palavras-chave:** Fonologia Prosódica; Variação linguística; Identidade Fonológica

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar resultados da pesquisa que estuda a maneira como regueiros maranhenses da zona rural da cidade de São Luís, falantes monolíngües de português brasileiro, variedade rural ludovicense (doravante PBRL), adaptam fonética e fonologicamente o inglês dos reggae que cantam nessa língua, com vistas a obter seqüências que façam sentido na sua língua materna.

Partindo deste viés, objetiva-se discutir a identidade fonológica do português, analisando a forma como os padrões fonológicos desta variedade linguística, o PBRL, nativa dos sujeitos da pesquisa, interferem em uma língua “estrangeira”, nativizando-a no som, com finalidades de obtenção de um sentido também “nativo”.

Para T. Silva (1999, p. 117), a seqüência sonora, em termos de consoantes e vogais, não é organizada de forma caótica; há uma organização dos segmentos, com relação à qual os falantes nativos têm plena intuição.

A organização da cadeia sonora da fala é orientada por certos princípios. Tais princípios agrupam segmentos consonantais e vocálicos em cadeia e determinam a organização das seqüências sonoras possíveis de determinada língua. Falantes possuem intuição quanto às seqüências sonoras permitidas e excluídas em sua língua. (T. SILVA, 1999, p.117)

A hipótese testada é a de que, enquanto há uma tendência para a manutenção de vogais tônicas e de traços de consoantes em posições tônicas, há uma tendência à substituição/adaptação/supressão/reinterpretação de vogais e consoantes em posições átonas, prevalecendo a percepção de falantes de português, não fluentes em inglês, daquilo que ouvem nas músicas, buscando sentido em uma seqüência sonora aparentemente sem sentido (ou seja, sem sentido para quem não fala a língua em que a canção foi composta).

Desta forma, acredita-se que os padrões mais característicos da fonologia do português são os últimos a serem perdidos em direção à pronúncia dos termos “alienígenas”<sup>1</sup>; assim sendo, as marcas de português sobreviventes na pronúncia dos regueiros ao cantarem canções em inglês e as adaptações (“traduções ao pé do ouvido” para o português de trechos do inglês) operadas sobre a letra original podem mostrar pistas valiosas da identidade fonológica do português e dos limites da interferência da sua estrutura fonológica sobre a estrutura fonológica da língua original (inglês).

A adaptação fonológica aqui acaba sendo denominada pelo falante do PBRL de “melô”, uma forma de designar o que a melodia significa para ele em português brasileiro. Assim, “I don’t no”... vira “melô do Agenor”, “What’s gonna get you” – “Melô cadê o caranguejo”, “Kill Will Wid the no” – “Melô do metanol”, “You’re my reason” – “Melô da Marisa”, “You can dip” – “Melô do titanic”, “oh oh Natty Dread” – “Melô do conhaque Dreher”, “Shoo bee do bee do”, “Melô do Scoobydoo”, “Come Inside” – “Melô do comissário”, “Dread gal oh” – “Melô que calor...”, dentre outros. Cabe ressaltar que o regueiro, falante do PBRL, nascido na cidade de São Luís - Maranhão, toma a parte da música que mais lhe é peculiar com o som de sua língua materna e sintetiza ou reduz toda a música ao melô, que lhe servirá inclusive de identificação.

## 2. A PESQUISA: roteiro da caminhada

A partir do contato com as pessoas da comunidade escolhida para a pesquisa, Vila Mauro Fecury, na zona rural da cidade de São Luís, mantivemos contato com freqüentadores dos bailes de reggae, tendo acesso a um número significativo de CD’s com selo da gravadora patrocinada pelos donos de radiolas, bem como gravações clandestinas contendo os melôs mais tocados naquela região. Feito o inventário inicial, foram coletados 832 reggae que eram executados,

---

<sup>1</sup> Estamos usando, aqui, o termo “alienígena” na acepção que lhe dá Cagliari (1996, p. 27), com a intenção de enfatizar que o falante desconhece os padrões mais característicos da fonologia da língua de partida, no caso desta pesquisa, o Inglês que ouve.

lançados e que tocavam com certa frequência nos Clubes da Vila Mauro Fecury, nas radiolas, no ano de 2007.

Por se constituir em um universo muito extenso, após escutar muitas destas gravações, estabeleceu-se uma estratégia de tipificação, que obedeceu a critérios claros para a separação e a classificação dos reggaes, permitindo a visualização das diversas formas de expressão em que esse ritmo foi encontrado, como apresentado a seguir:

- reggaes cantados em inglês, respeitando a letra;
- reggaes que contêm partes (ou que são inteiramente) aparentemente non-sense (em inglês e em português);
- reggaes que introduzem trechos em português dentro das letras em inglês;
- reggaes (predominantemente) em português com sotaque estrangeiro;
- Reggaes cantados em línguas africanas;
- reggaes que contêm trechos que “reinterpretam” frases, expressões do inglês em português, devido à proximidade sonora;

Essa última categoria, reggaes que contêm trechos que “reinterpretam” frases, expressões do inglês em português, devido à proximidade sonora, é a única que permite visualizar a adaptação fonológica no PB a partir do Inglês Americano (doravante IA). Por ser este o foco escolhido, as adaptações originadas do IA serão os reggaes selecionados nesta categoria e analisados nesta tese.

Sendo assim, após a coleta e a categorização das músicas, foram separadas aquelas que “reinterpretam” os reggaes em inglês como seqüências em português, pois tinham maior relevância para o objeto da pesquisa.

Esta escolha não se deu de forma aleatória. É importante ressaltar que, para os moradores daquela região, o ídolo maior dentro do “universo” do reggae é o cantor Bob Marley e a Língua Inglesa é simbolizada como o instrumento de comunicação incontestável, que possui poder.

Categorizadas as músicas que apresentavam adaptação do Inglês especificamente para o PB, foram selecionados cinquenta e um melôs, entre os mais tocados na área geográfica escolhida.

Nos melôs escolhidos, ocorre o fenômeno de adaptação fonológica, de modo a fazer com que a adaptação do som produza um trecho fonética e semanticamente reconhecível para a comunidade lingüística em questão.

A título de exemplo, observa-se a letra original do reggae **Real Situation**, de autoria de Bob Marley & The Wailers, em que o falante nativo escuta a parte da música em destaque e (re)significa o trecho, obedecendo os padrões do sistema fonológico de sua língua materna, chegando a uma palavra em português.

Real Situation – Bob Marley and The Wailers

Give them an inch they take a yard

Give them yard they take a mile

**Once a man** and twice a child

And everything is just for a while

It seems like total destruction

The only solution

And there ain't no use

No trecho em destaque, em que no original inglês aparece “*Once a man and twice a child*”, o cantor maranhense, monolíngüe, que desconhece o Inglês, “ouve”<sup>2</sup> não a expressão inglesa marcada em negrito, mas uma só palavra em seu idioma materno, correspondente ao nome próprio Rosimeire. Desta forma, o cantor maranhense (re)significa o trecho escutado, (re)interpretando a expressão, na língua de origem, conforme o sistema fonológico de sua língua materna. Tentando perceber o fenômeno fonológico de forma mais específica, observa-se que:

- Na versão original, é pronunciada:

(1.1)

Once a man - [ˈwʌns.ə.me.en] ou [ˈwʌns.ə.men]

[ˈwʌns.ə.me.en]

v v c c v c v v c

[ˈwʌns.ə.men]

v v c c v c v c

- Na versão reproduzida pelo cantor monolíngüe falante do PBRL:

(1.2)

Rosimeire - [hoziˈmeɪrɪ]

[hoziˈmɛɪrɪ]

c v c v c v v c v

No vocábulo utilizado pelo regueiro, observa-se que as duas primeiras sílabas [hozi] assumem uma estrutura silábica CVCV e as duas últimas, [meɪrɪ], a estrutura CVVCV, em que o glide é parte de um ditongo decrescente. As estruturas constituem um padrão freqüente em PB. Associando cada segmento fonético a uma vogal ou consoante, temos o esquema abaixo:

(1.3)

c v c v c v v c v

$$\begin{array}{cccccccc} | & | & | & | & | & | & | & | \\ [ & h & o & z & i & ' & m & e & i & r & i & ] \end{array}$$

### 3. PROCESSOS FONOLÓGICOS NA “REINTERPRETAÇÃO” DOS REGGAES EM INGLÊS PELOS MELÔS MARANHENSES

Os fenômenos fonológicos verificados no processo de “reinterpretação” do som original dos *reggaes* em inglês que faz a comunidade lingüística apreciadora desse gênero no Maranhão, de modo a produzir uma seqüência sonora que possa ser reconhecida em português, isto é, associada a algum significado, será apresentado de forma resumida nesta seção. A análise parte da comparação entre as transcrições fonéticas do trecho cantado em inglês e de sua “adaptação” em português.

A tabela 1, disposta a seguir, evidencia de forma geral os fenômenos encontrados e os mais recorrentes neste processo de investigação. Após a identificação dos fenômenos e a quantificação, foi possível constatar que a semelhança entre consoantes foi um dos motivos que conduziram o falante do PBRL a reinterpretar a seqüência sonora em Inglês com padrões fonológicos do PB. É interessante ressaltar que tal processo ocorre em 94,1% dos melôs coletados e analisados nesta pesquisa. Outro processo, com impacto semelhante, é a manutenção

<sup>2</sup> As aspas colocadas no verbo “ouvir” têm a finalidade de evidenciar que o falante nativo não apenas ouve, mas esta ação (a de ouvir) envolve percepção auditiva e (re)significação de acordo com a estrutura de sua língua materna.

da posição do acento, alcançando 90,1% dos 51 melôs. O processo de manutenção da posição do acento vem seguido da proximidade da qualidade da vogal tônica, com 84,3% dos casos estudados – podendo-se ainda observar que estes dois últimos, a manutenção da posição do acento e a manutenção da qualidade da vogal tônica, acabam por se configurar em processos que são consequência um do outro.

Quando observamos a estrutura da sílaba do Inglês, podemos verificar que ela tem um nível de complexidade bem maior que o permitido nos padrões da estrutura silábica do português, em termos de possibilidades de ramificação dos constituintes e de presença de consoantes em posições silábicas marginais. Desta mesma forma, observou-se que em 78,4% dos melôs pesquisados, o falante simplificou o padrão silábico. Em apenas 16,6%, o falante do PBRL buscou a complexificação do padrão silábico.

A tabela abaixo nos permite adiantar que processos como monotongação (27,5%), complexificação do padrão silábico (16,6%) e ditongação (15,7%), embora ocorram, são de baixa incidência.

PROCESSO	APLICAÇÃO	NÃO APLICAÇÃO	TOTAL
Semelhança de consoantes	48 (94,1%)	03 (5,9%)	<b>51 (100%)</b>
Manutenção da posição do acento	46 (90,1%)	05 (9,9%)	
Manutenção da qualidade da vogal tônica	43 (84,3%)	08 (15,7%)	
Simplificação do padrão silábico	40 (78,4%)	11 (21,6%)	
Monotongação	14 (27,5%)	37 (72,5%)	
Complexificação do padrão silábico	10 (16,6%)	41 (80,4%)	
Ditongação	08 (15,7%)	43 (84,3%)	

**Tabela 1** - Ocorrência de processos fonológicos na nomeação dos “melôs”

Ao comparar tais fenômenos, deparamo-nos com dois, que são mais frequentes em quase toda a amostra analisada: trata-se da semelhança entre consoantes e da manutenção da vogal tônica. A manutenção da vogal tônica, fenômeno que discutiremos a seguir, está atrelada a questões que envolvem também a organização hierárquica dos elementos na combinação de unidades que vão além da “palavra”.

### 3.1 Manutenção da vogal tônica

Percebemos que, na busca de uma sequência sonora que faça sentido em português para o trecho recortado do reggae em inglês, o falante maranhense tenta encontrar uma forma que contenha, na sílaba tônica, uma vogal igual ou semelhante (em timbre) à vogal tônica que aparece no trecho original em inglês.

Observa-se que, na grande maioria dos exemplos, a vogal tônica é geralmente preservada, na passagem do inglês original à “reinterpretação” em português. Percebemos que, na busca de uma sequência sonora que faça sentido em português para o trecho recortado do reggae em inglês, o falante maranhense tenta encontrar uma forma que contenha, na sílaba tônica, uma vogal igual ou semelhante (em timbre) à vogal tônica que aparece no trecho original em inglês. Desta forma, nos deteremos neste artigo somente a este aspecto.

Sendo assim, podemos dizer que, se o núcleo da sílaba tônica original contém uma vogal média-alta posterior /o/ (como em *I don't know* [azə'no]), a (re)significação em português também contém, preferencialmente, uma vogal de mesma altura e produzida na mesma região posterior no núcleo da sílaba tônica ([aʒe'no]). É o que acontece nos exemplos a seguir:

(1.4) Melô de Agenor  
[azə'no] ou [aɪzə'no] (ingl.) → [aʒe'no] /aʒe'noR/ (PB)

(1.5) Melô do Tinoco  
[thiu'no:ɔ] (Ingl.) → [tʃi'noku] (PB)

Em relação às vogais centrais meio-abertas, percebe-se a manutenção da qualidade original (no caso de realização como média-alta posterior) ou a busca por uma qualidade vocálica o mais semelhante possível à do “original”:

(1.6) Melô de Sônia

[ˈsɒni] ou [ˈsoni] (Ingl.) → [ˈson̠ja] (PB)

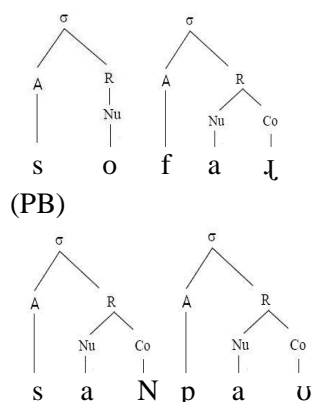
Quando a palavra original apresenta, nos limites do próprio melô, pronúncias alternantes, uma com um timbre existente no sistema vocálico do PB nessa posição ([o], no exemplo acima), e outra, em que aparece um timbre não ocorrente nesta língua nesse ambiente ([ʌ]), a base para a “adaptação” é a forma mais “parecida” com a do PB. A partir daí, pode-se considerar que houve a manutenção do timbre original.

Há exemplos que podem ser considerados mais “opacos”<sup>3</sup> com relação à manutenção do timbre vocálico, mas nos quais, ainda assim, ocorre a preservação da vogal tônica. Tal “opacidade” deriva do fato de, apesar de a manutenção da vogal tônica poder ser verificada, acontece, ao mesmo tempo, uma alteração significativa na estrutura da sílaba em que ocorre. No exemplo abaixo, a sílaba original da qual foi mantida a vogal tônica [a] encontra-se travada pela retroflexa; já na adaptação, que origina o nome da cidade de São Paulo, ocorre um ditongo (*pau*).

(1.7) Melô de São Paulo

[i.sis.so.ˈfaɪ.in.ə] (Ingl.) → [sẽũˈpaulu] (PB)

(Ingl.)



Podemos observar neste exemplo referente ao melô de São Paulo, que a estrutura silábica é diferente, quando comparadas as seqüências original e adaptada. Constatamos que a primeira sílaba possui uma estrutura CV [so] que, no processo de adaptação, se torna foneticamente Cẽũ [sẽũ] – realização da seqüência /-saN/, CVC, portanto. Destacamos que, embora o núcleo silábico tenha sido substituído por um ditongo nasalizado, neste processo de adaptação, os traços sonoros são semelhantes. Já a segunda estrutura encontrada na sílaba seguinte na língua de partida, CVC [faɪ], se configura na língua de chegada como CVV [paɪ]. Observa-se que a consoante na posição de coda na língua de partida se transforma na segunda vogal do ditongo; porém, é necessário destacar que o núcleo de ambas permanece preenchido pela mesma vogal [a], o que contribui para a semelhança sonora.

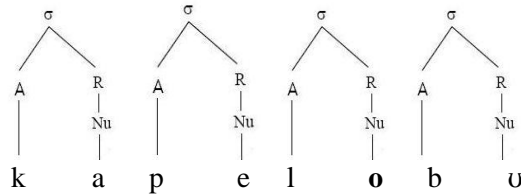
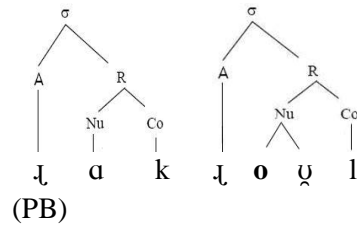
Por sua vez, no exemplo abaixo, extraído do Melô do Capelobo, a sílaba complexa [ɪoʊl] (CVVC) acaba por ser adaptada na sílaba simples [lo] (CV). No entanto, em comum, ambas as sílabas tônicas possuem o mesmo timbre vocálico no núcleo.

<sup>3</sup> Casos em que as diferenças de estrutura silábica mascaram a realização fonética da vogal nuclear.

(1.8) Melô do Capelobo

[ˈɹʌk.ˈloʊl] (Ingl.) → [ka.pe.ˈlo.bu] (PB)

(Ingl.)



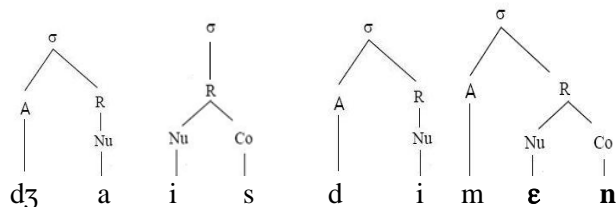
Observamos que, no primeiro caso, no IA, o pé métrico é composto de apenas uma sílaba, [ɹʌʊl], que é pesada; já no segundo caso, no PBRL, ocorrem duas sílabas abertas do tipo CV, que formam um pé trocaico (uma tônica e uma átona). Mas, tanto na língua de partida como na de chegada, na posição tônica do pé, aparece o mesmo timbre vocálico.

No exemplo abaixo, ocorre o apagamento do travamento nasal da sílaba original em inglês, mantendo-se, entretanto, o timbre aberto da vogal média [ɛ] – que não ocorre em situação de travamento silábico por nasal, no PB.

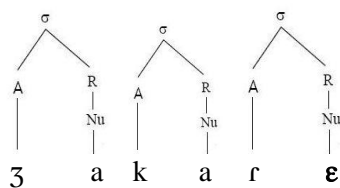
(1.9) Melô do Jacaré

[ˈdʒaɪsdiˈmen] (Ingl.) → [ʒakaˈrɛ] (PB)

(Ingl.)



(PB)



Exemplos semelhantes aos demonstrados acima, em termos de alteração da estrutura da sílaba tônica original, mas com manutenção de um timbre vocálico igual ou próximo no núcleo, podem ser verificados também nos exemplos a seguir:

(1.10) Melô de Rosimeire

[ˈwʌns.ə.me.ɛn] (Ingl.) → [hoziˈmeɪrɪ] (PB)

(1.11) Melô do Lucimar

[ˈluːzˈmaɪ] (Ingl.) → [luziˈmah] (PB)

(1.12) Melô do Conhaque Drea (Dreher)

[ˈɹoʊˈaɪs] (Ingl.) → [koˈɲaːkɪ] (PB)

Os exemplos acima apontam para uma forte tendência à manutenção da sílaba tônica, no processo de (re)significação dos reggae em inglês por falantes maranhenses de PB, na constituição dos chamados “melôs”.

### **Discussões finais**

Observamos ao longo da pesquisa que a identidade do falante nativo da zona rural da cidade de São Luís envolve muitas características intrínsecas às suas realidades sociais, econômicas e culturais. Sendo o reggae uma “marca” das raízes culturais das gerações anteriores. Desta forma acreditamos que um estudo que envolve o reggae pode fornecer pistas importantes acerca da identidade fonológica deste grupo de falantes.

Nesta pesquisa, cujos resultados apresentados neste arquivo é apenas um recorte que envolve apenas um dos aspectos detectados dentro do processo de adaptação fonológica, podemos afirmar que tratam-se, pois, de processos que marcam os seus usuários como pertencentes ao grande grupo falante de PB, pelas características gerais de sua fonologia, bem como pelo fato de reforçarem, posições que são consideradas universalmente fortes, em termos segmentais e prosódicos, nas fonologias das línguas, e que são as posições ideais para caracterizar a “identidade sonora” de um idioma específico: a posição tônica, para as vogais, e a posição de *onset* silábico, para as consoantes. Trata-se, pois, de um argumento que sustenta a “brasilidade”, em termos lingüísticos, do produto obtido a partir da adaptação dos reggae em melôs, uma vez que correspondem às posições em que, segundo Câmara Jr. (1979 [1970], p. 41 e 48), as vogais e as consoantes do PB podem ser melhor caracterizadas.

Apesar disso, esses processos podem ser, ao mesmo tempo, considerados marcas identitárias de um grupo específico, dentro do contexto do PB, uma vez que os processos verificados, em outras localidades, são objetos de jogos lingüísticos casuais. Por outro lado, na área focalizada, revestem-se de um caráter cultural, específico do contexto em que ocorrem, sendo que as seqüências que dão origem aos “melôs” acabam sendo vistas como verdadeiras “mensagens diretas” dos seus autores para esse grupo específico de falantes, seus destinatários.

### **Referencias Bibliográficas**

CAGLIARI, L. C. O Alienígena que queria aprender a ler, 11, *Jornal do Alfabetizador*, Vol. 11, Fac. 47, p.14-16, SP, BRASIL, 1996.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.[1970].

SILVA, T. Cristóvão. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 1999.

ROSTAS, Márcia Helena Sauáia Guimarães. *Balizas suprasegmentais para a adaptação do reggae cantado em São Luís*. TESE DE DOUTORADO. ARARAQUARA: UNESP: 2010